

Por quê conflitos se tornam terríveis?

Escrito com senso de urgência

Peter Susemihl

As pessoas, os grupos, os países necessitam afirmar as suas individualidades. O caminho de entender-se como indivíduo é parte de encontrar sentido na existência, de tornar-se efetivo no mundo. Atuar de forma coerente com suas convicções é condição essencial da saúde emocional de indivíduos, grupos e nações.

Mas há muitas convicções diferentes no mundo e elas podem entrar em confronto. Estes momentos são oportunidades para expressar-se autenticamente, dialogar, rever as próprias crenças e necessidades, avaliar a possibilidade de fazer concessões e negociar novos acordos.

Mas nós humanos, integrantes de parcerias, sociedades, casais, grupos e nações não aprendemos muito sobre isso, nem de nossos pais, nem na escola, nem no emprego. Aprendemos outras coisas: ciências exatas, criar e executar processos, produzir, vender, ganhar dinheiro.

Quando o diálogo não funciona, usualmente não declaramos guerra de pronto. Entendemos que ser civilizado significa para indivíduos, grupos ou nações que se recolham, esperem por um momento mais favorável, reúnam argumentos melhores, tenham a esperança que o outro se torne mais compreensivo. Temporariamente, abre-se mão de crenças e das ações que as expressam.

Esta é a verdadeira fonte da violência: ir contra as próprias convicções além de nossas possibilidades.

Ao retrair-se, a pressão interna do indivíduo, do grupo ou da nação aumenta: sentimentos ruins se instalam, por exemplo os de frustração, impotência e de não ter valor. As necessidades não atendidas por efetividade, expressão, valorização nos corroem internamente. Manifestações de revolta e raiva escapam: ironia, oposição sistemática, formação de partidos, sabotagem... a escalada segue. Reter nossos sentimentos e necessidades nutre a agressividade. Ser “bonzinho” a ponto de desrespeitar a si mesmo pode ter um alto custo.

Para romper este ciclo, temos que voltar ao segundo parágrafo deste pequeno texto e aprender o que está lá: expressar-se autenticamente, dialogar, rever as próprias crenças e necessidades, avaliar a possibilidade de fazer concessões e negociar novos acordos.

Que nós possamos aprender isso logo e levar este aprendizado às famílias, às escolas, às empresas e às nações, antes que uma guerra nuclear ou uma catástrofe climática, ambos gerados por nossos iguais, nos impeçam.

Urgente!